

Newton defende apoio para Sarney governar

CORREIO BRAZILIENSE

7 NOV 1987

"O presidente José Sarney precisa de tranqüilidade para governar", declarou ontem o governador Newton Cardoso, de Minas Gerais, advertindo que o País "já não suporta mais a ação perniciosamente daqueles que buscam promover o caos para dele tirar proveito pessoal ou ético". Frisou o governador que apontar os equívocos de um homem público é fácil, "mas admitir suas grandezas, sobretudo quando se está na oposição, é algo que necessita de muito desprendimento. E estas virtudes parecem estar faltando aos adversários".

Newton Cardoso considerou "essencial" que o povo brasileiro compreenda que é fundamental criar as condições necessárias para que o Governo Federal possa cumprir o seu papel. "Não podemos continuar a discutir teorias políticas, em um campo minado pela crise econômica e social", observou, aludindo a sua

posição contrária ao sistema parlamentarista de governo.

Newton Cardoso lembrou que os partidos políticos brasileiros — "e entre eles incluo o nosso heróico PMDB" — ainda são "construções artificiais, que não penetram inteiramente na alma e no espírito do povo". Sublinhou que a constatação desta realidade "de forma alguma pode humilhar um político". Humilhação em seu entender, seria "aceitar um artifício como se ele fosse reflexo autêntico do real".

Cardoso declarou ainda que a popularidade de um governo "jamais representou um atestado confiável de sua competência e a coragem de aceitar a impopularidade, pode ser a marca definitiva da competência de um estadista".

O governador mineiro encerrou seu pronunciamento, na solenidade de lançamento do Programa de Mutirão, alertando que

pensar que leis e Constituições podem transformar um país "em um passe de mágica", ou tentar iludir o povo "com tal fantasia", é uma atitude de "ingenuidade ou ma-fé". E acentuou: "Nosso povo é muito mais sábio do que imaginam certos grupos políticos, que jamais o compreenderam. E por este motivo, o temem".

SARNEY LAMENTA

"Todos não de reconhecer que eu não tive um dia de paz nesta área", lamentou por sua vez o presidente Sarney, pouco antes de retornar a Brasília, ao ressaltar que desde a sua posse não tem tido tranqüilidade política. "Todo dia é um dia de tentativa de instabilidade ou desestabilidade do governo. Eu espero que a Constituinte venha a atender ao interesse do Brasil e que, em 88, possamos fazer uma legislação complementar que possa dar ao País uma tranqüili-

dade política de tal natureza que os partidos possam se ordenar".

O Presidente assinalou que tem conversado com todas as áreas políticas e econômicas do País e que tem sido combatido sempre em todas. "Não há uma área no País que não tenha combatido nosso Governo, o que é uma coisa inédita e que mostra que estamos no caminho do interesse global, e não do interesse de determinados segmentos".

Ao ser indagado se está satisfeito com os trabalhos da Constituinte, o presidente Sarney comentou: "A Constituinte, por si só, tem o poder, sob o ponto de vista legal, de estar acima dos poderes. Uma Constituinte é sempre um período de grandes modificações e posicionamentos e nós estamos vivendo esse período. Mas espero que essa Assembleia tenha condições de escolher a melhor solução para o Brasil.

A estabilidade necessária

É a seguinte a íntegra do discurso do governador Newton Cardoso, na primeira das inaugurações de ontem:

"Se a Nova República não tivesse a apresentar à História tantas e tão importantes conquistas políticas, econômicas e sociais, bastaria que se registrasse o fato de que foi nesse tempo que o nosso povo recuperou o sentido de sua própria dignidade, de sua independência, de sua liberdade.

— Mas a Nova República, como todas as demais criações humanas, é uma realidade histórica sujeita a mudanças, a correções de rumo, a inclinações no sentido que melhor corresponder as aspirações do povo.

— É preciso que a Nação entenda que não estamos buscando instituições políticas perfeitas, mas respostas viáveis, para os problemas concretos do País. Os problemas de hoje e os desafios de amanhã.

— É justo que uma sociedade se inspire na utopia, mas é extremamente perigoso que ela a confunda com a realidade.

— É áspera a missão de liderar um país, particularmente em momentos críticos, como estes que estamos vivendo. E a Nação reconhece, senhor presidente, a dimensão do desafio que Vossa Excelência está enfrentando.

— É essencial que o povo brasileiro compreenda, que o mais importante, neste momento, não é discutir teorias de Governo, e sim criar o mínimo de estabilidade política para que o Governo possa cumprir o seu papel, num campo minado pela crise econômica e social.

— Não é o presidente que precisa de tranqüilidade para governar. É o País que já não suporta mais a ação perniciosamente daqueles que buscam promover o caos para dele tirar proveito pessoal ou político.

— Apontar os equívocos de um homem público é muito fácil. Admitir as

suas virtudes, sobretudo quando se está na oposição, é algo que exige grandeza e desprendimento. E grandeza e desprendimento, são virtudes que estão faltando aos adversários do Governo de Vossa Excelência.

— Todos aqueles que detêm qualquer parcela de responsabilidade política neste País, são chamados agora, a fazer um exame de consciência sobre o seu desempenho, uma reflexão sobre o papel que têm assumido, uma autocrítica honesta e sincera de suas idéias.

— Nenhum cidadão brasileiro precisa abrir mão de seus princípios e de suas idéias para que se forme uma corrente de esperança e de trabalho em torno da Presidência.

— A esperança é a matriz da paciência. E a paciência é a virtude maior de quem deseja realizar uma obra política durável. De que nos adianta construir um edifício sobre bases instáveis e frágeis, se amanhã ele desabar, ao primeiro confronto com a realidade?

— Minas não está propondo à Nação qualquer tipo de pacto ou acordo, que represente o ocultamento de problemas, e o adiamento de soluções, mas aceitamos que é nosso dever perante a própria História, lembrar aos brasileiros que a Nação deve estar acima dos interesses pessoais ou partidários, das polémicas passageiras, dos projetos ambiciosos de um homem ou de um grupo.

— Aqueles que hoje se aproveitam das liberdades democráticas, para lançar pedras contra o Governo, são os mesmos que, por mais de vinte anos, desfrutaram das benesses do autoritarismo.

— A democracia, para essas pessoas e esses grupos que a Nação conhece tão bem, não passa de um instrumento que usam enquanto lhes é útil, para ser abandonado no exato momento em que puderem silenciar de novo a voz do po-

vo e os anseios da Nação.

— A História não julga os homens públicos com o passionalismo do presente. Seu julgamento se faz num clima de serenidade, de equilíbrio e de isenção. E, quando tal julgamento se fizer, a História dirá que o Governo de Vossa Excelência foi pautado exatamente pela serenidade, equilíbrio e isenção.

— São inegáveis os avanços políticos, econômicos e sociais que conquistamos neste curto período em que Vossa Excelência liderou os destinos do País.

— Dirão os críticos profissionais que ainda existe muito por fazer, mas esta é uma verdade que Vossa Excelência jamais negou, enquanto val perseguindo, com obstinação, os objetivos fixados pelo seu Governo.

— Nenhum de nós correu riscos, fez sacrifícios e lutou durante décadas, na construção da democracia, pensando em silenciar os adversários. Ao contrário, orgulhamo-nos de saber que eles podem produzir, a cada dia, os seus ataques mais impiedosos, num clima de perfeita liberdade.

— O primeiro dever de um homem público é a humildade, a consciência de suas limitações, a aceitação de sua natureza vulnerável e falível.

— Mas um verdadeiro homem público deve também ser capaz de superar os seus próprios limites, sempre que a Nação lhe pede um pouco mais.

— A popularidade de um Governo jamais representou um atestado confiável de sua competência. Por outro lado, a coragem de aceitar a impopularidade pode ser a marca definitiva de grandeza de um estadista.

— O Brasil exige de nós, a cada instante e sobretudo nestes tempos difíceis, demonstrações inequívocas de grandeza. Somos uma grande Nação, que vive grandes problemas, mas que tem assegurado um destino grandioso.

— Se não estivermos à altura dos desafios do nos-

so tempo, a História nos julgará por nossas omissões, assim como também saberá registrar os méritos daqueles que tiveram a coragem de enfrentar a adversidade, e olhar no olho do furacão.

— Não basta a coragem de admitir a fragilidade das nossas instituições. É preciso ter a humildade de aceitá-las. Conviver com elas, torná-las eficazes, até que possamos construir um novo País, e uma nova sociedade.

— Os partidos políticos brasileiros — e entre eles incluo o nosso glorioso PMDB — ainda são construções artificiais, que não penetram inteiramente na alma e no espírito do povo, única fonte real de legitimidade.

— Admitir esse dado da realidade não é, de modo algum, humilhante para o político. Humilhação seria, isto sim, aceitar o artifício como se fosse reflexo autêntico do real.

— Aqueles que julgam poder transformar um país apenas votando uma lei nova, são vítimas de uma armadilha fatal, substituem a realidade pelo artifício.

— Leis — e mesmo uma nova Constituição — são uma espécie de pacto entre os diversos segmentos da sociedade. Através delas, um país procura assegurar que a luta pelo poder, em todos os níveis, se desenvolva de modo pacífico e civilizado. Mas as leis não criam a realidade e nem a transformam, se o povo não aceitá-las.

— Pensar que as leis e as Constituições podem transformar um país, num passe de mágica ou tentar iludir o povo com tal fantasia, é uma atitude de ingenuidade ou de má fé.

— Nosso povo é muito mais sábio do que imaginam certos grupos políticos, que jamais o compreenderam, pelo simples motivo de que o temem."

Senhor Presidente, Minas Gerais vos acolhe e à sua esposa, nesta tarde. Estamos alegres com a sua presença. Muito obrigado.